

## Origens teosóficas do Karate-Dô e as perspectivas para o futuro<sup>1</sup>.

Os principais mestres e historiadores do Karate-Dô, especialmente do linha Shotokan encontram as raízes mais remotas da prática em Bodhidharma<sup>2</sup>, um patriarca budista, que trouxe o budismo da Índia para a China, provavelmente no século VI d.C.<sup>3</sup>, onde, como se sabe o budismo prosperou, ramificando-se em várias correntes, nem todas verdadeiramente alinhadas com os postulados de Sidarta Gautama, até que chegou ao Japão, pelas mãos de Dogen, no século XII da era cristã.

Bodhidharma<sup>4</sup> ficou conhecido como o primeiro patriarca budista na China e é a ele também atribuída a paternidade do Zen-budismo, cujo prefixo (Zen), em Japonês (*Chan*<sup>5</sup> em Chinês) quer significar o silêncio profundo ou mais propriamente aquele estado mental típico à meditação, onde o praticante procura disciplinar a mente não deixando que ela se perca em devaneios, tão próprios à natureza humana, reencontrando a sintonia com as forças o universo, estado mental conhecido como satori<sup>6</sup>.

Essa doutrina, no Japão<sup>7</sup> encontrou outra religião já ancestral na ilha, o xintoísmo, produzindo um certo sincretismo, permitindo a convivência de credos.

É preciso notar que no oriente, e no Japão em especial, a idéia de religião não abraça o mesmo viés paternalista com que esse fenômeno se manifesta no ocidente, onde a toda religião corresponde um Deus pai, ora

---

<sup>1</sup> Considerando que este texto tem uma direção específica, e prende-se a uma palestra a ser proferida pelo lapso de tempo de 30 minutos, usarei extensivamente as notas de rodapé para veicular informações complementares e acessórias ao tema em debate.

<sup>2</sup> Daruma em japonês, que é referido, por exemplo por Nishiyama, em sua “*short history*”, capítulo introdutório ao seu livro “*Karate, The art of ‘empty hand’ fighyting*”, ed. Tutle, 1984. Semelhante referência também faz Nakayama, em seu “*Dynamic Karate*”, ed. Kodansha, 1983.

<sup>3</sup> Roque Severino, em seu excelente “*Espírito das Artes Marciais*”, Imago, 1988, lembra que Bodhidharma provavelmente chegou à China, egresso da Índia, no ano 520 de nossa era, trazendo consigo a tradição budista que se iniciou com o próprio Buda, em cuja linhagem indiana Daruma era o 28º patriarca, tornando-se o primeiro patriarca na China.

<sup>4</sup> O nome Bodhidharma tem origem no sânscrito (língua primitiva na Índia), significando a junção de duas expressões: *Bodhi* (iluminação) e *Dharma* (lei fundamental que rege o universo).

<sup>5</sup> A palavra *chan* é uma abreviatura de *channa*, que em sânscrito grafa-se *dhyana*, ou meditação.

<sup>6</sup> Embora de difícil conceituação, como passa com as questões próprias ao *zen*, em sua maior parte metaverbais, o satori é um estado em que a intuição se alarga. D.T. Suzuki chama-o de intuição prájnica, algo aproximado ao nirvana, ou seja, estado de iluminação suprema, realidade última, aquela que se adquire sem o filtro da cultura e do intelecto no contado direto e perceptivo com as forças que regem o universo.

<sup>7</sup> Segundo a bibliografia disponível, o *Zen* foi introduzido no Japão no Dogen (1200-1253), no ano de 1227, após passar quatro anos na China com o Mestre Niojo.

bondoso, ora rude e severo, as vezes até perverso. No sistema cultural oriental, de estrutura milenarmente hierarquizada, dificilmente conviveriam a adoração a um Deus Pai com a devoção ao senhor ou ao amo, próprio ao sistema feudal que por séculos dominou o Japão e que até os dias presentes deixa marcas indeléveis.

Não por outra razão, o cristianismo trazido para a ilha central pelos Portugueses no século XVI, não prosperou e, apesar de quase cem anos de influência lusa, foi banido entre os nipônicos pelo Xogunato Tokugawa no ano de 1613<sup>8</sup>.

Portanto, o Zen-budismo a partir de sua introdução no Japão passou a ter um influência determinante na cultura local, constituindo até uma casta clerical de larga influência política.

É possível dizer que as artes marciais japonesas<sup>9</sup> são uma manifestação do *Zen*, ou uma forma de prática do *Zen*, embora, como se verá mais adiante, quando elas se ocidentalizaram, desafortunadamente, tenham perdido a maior parte de suas características originais.

Prova inequívoca dessa influência está no próprio nome que os mestres sistematizadores convencionaram dar às disciplinas que procuravam

---

<sup>8</sup> Sobre o tema há uma excelente obra do Nipo-brasileiro José Yamashiro, intitulada “*Choque Luso no Japão dos Séculos XVI e XVII*”, Ibrasa, 1989, cujo leitura repute obrigatória aos brasileiros, especialmente professores de artes marciais, com ênfase dos instrutores de Karate-Dô, que pretendam entender as raízes telúricas de sua prática e instrumento de trabalho, tendo em vista que também se trata de uma identidade entre Brasil e o Japão, ambos fruto de influência colonial portuguesa, guardando-se, obviamente, as especificidades de cada povo e o tempo e a circunstância em que tal episódio histórico se deu. Também de José Yamashiro, e de leitura imprescindível, são as obras “*História da Cultura Japonesa*”, Ibrasa, 1985, e “*História dos Samurais*”, Kempf/Editores, 1982. Ainda de José Yamashiro, com interesse para o praticando de artes marciais, há sua primorosa tradução do “*Gorin no sho*”, texto clássico de Miyamoto Musashi, que Yamashiro traduziu diretamente do japonês arcaico, brindando-nos também com uma excelente introdução onde aduz informações fundamentais sobre o contexto histórico em que a obra de Musashi se produziu.

<sup>9</sup> Sobre aspectos da cultura militarista no Japão, indispensável é a leitura de “A Arte japonesa de criar estratégias”, de Thomas Cleary, ed. Cultrix, cujo título em português não faz justiça ao livro. Paradoxalmente, apenas da influência dita religiosa, a história do oriente, em especial a do Japão, está pontuada por conflitos armados, entre países, ou mesmo viscerais e fratricidas. Essa cultura é muito bem delineada por Cleary, que com rara felicidade consegue traduzir para palavras o problema da guerra e seus reflexos na cultura. O autor lembra que o *Zen* foi utilizado pela aristocracia samuraica como verdadeira ideologia, e daí sua também influência nas artes marciais. Concluo que os samurais interessaram-se pelo *Zen* não só para combater às castas clericais que dominaram o país por séculos, mas especialmente frente a ótica da morte que o *Zen* permite, tão útil àquele que, tal como o guerreiro, está sempre diante do próprio passamento.

fundar, todas elas nominadas com o sufixo DÔ, ou caminho para iluminação<sup>10</sup>, signo indelével da influência do *Zen*.

Difícil explicar a noção de caminho, como igualmente é desalentador traduzir em palavras o verdadeiro significado do *Zen*<sup>11</sup>, pois trata-se de uma experiência singular, própria e individual de cada praticante, que somente se manifesta através da prática, insuscetível de apreensão meramente intelectual, mas é possível dizer, com as limitações naturais da verbalização, que, na perspectiva holística do oriente onde tudo tem relação com tudo, que exercício zenista é um instrumento de introspecção e descoberta destinado a responder às questões mais profundas da natureza humana, sobre a identidade, origem e futuro do ser humano.

Essas práticas, evidentemente, não se restringem às artes marciais, posto que estas apenas fazem parte de um todo maior, onde ingressam a pintura japonesa, a caligrafia(shôdô) a ikebana (artes florais), a cerimônia do chá (Chadô)<sup>12</sup>, e mesmo o Judô, o Aikidô<sup>13</sup>, o Kendô (uso de espadas)<sup>14</sup>, o Kyudô (arco e flexa)<sup>15</sup> e o Karate-Dô<sup>16</sup>.

---

<sup>10</sup> Não por outra razão, Dojo significa local de iluminação.

<sup>11</sup> Sobre Zen-budismo, talvez a obra mais relevante seja “*Introdução ao Zen-budismo*” de Daisetz Teitaro Suzuki, o principal disseminador da doutrina no ocidente neste século. Nesta obra, além do texto profundo e explicativo de Suzuki, há uma longa introdução Carl Gustav Jung, o principal discípulo de Freud, psicanalista de renome, demonstrando o vivo interesse que o *Zen* tinha entre os pensadores da mente humana, pelo menos na primeira metade do século. Além de Jung, também o psicanalista Erich Fromm escreveu sobre *Zen* e o filósofo Alan Watts, este autor do interessante e esclarecedor “*O espírito Zen*” e de “*O Zen e a experiência mística*”, ed. Cultrix. Tais textos, escritos nas primeira metade deste século, que são separados por um longo silêncio das letras do ocidente sobre o tema, fazem crer que a derrota do Japão na 2ª Guerra de certa forma desvalorizou a doutrina, que somente mais proximamente passou a ter nova vitalidade. Leitura mais amena pode ser encontrada em “*Zen em quadrinhos*”, Ediouro, de Tsai Chih Chung, em uma exitosa iniciativa de popularizar a doutrina. O mesmo autor também escreveu (desenhou) “*O Tao em quadrinhos*”, cuja leitura é também de grande interesse.

<sup>12</sup> Sobre o “*Zen na Arte da Cerimônia do Chá*” há uma excelente obra de Horst Mammitzsch, publicada pela ed. Pensamento, 1987.

<sup>13</sup> Dentre as várias obras disponíveis em português sobre Aikidô, para resgatar noções introdutória “*O espírito do Aikidô*”, de Kisshômaru Ueshiba, filho do fundador Morihei Ueshiba, é uma valiosa síntese.

<sup>14</sup> Sobre o sentido filosófico do Kendô, “*O Zen na arte de conduzir a espada*”, de Reinhard Kammer, ed. Pensamento, 1987, é uma excelente ferramenta de compreensão.

<sup>15</sup> Foi sobre esse tema que escreveu-se o, talvez, maior clássico da lavra de um ocidental sobre o *Zen*, intitulado, em Português, “*A arte cavalheiresca do arqueiro zen*”, ed. Pensamento, e Eugen Herrigel. Com uma excelente introdução de D. T. Suzuki, trata da experiência do autor que, no anos 20, foi convidado a lecionar o Japão sua especialidade (metafísica), decidindo também ingressar em contato com o *Zen*, fazendo-o através do Kyodô. A perplexidade desse ocidental repentinamente mergulhado na cultura oriental é um relato fundamental, cuja leitura e mesmo a releitura afigura-se experiência básica a quem pretende entender o fenômeno. Sobre o mesmo tema, ou seja, a prática do Kyudô, aconselho a leitura de Kenneth Kushner, em seu “*O Arqueiro Zen e a Arte de Viver*”, ed. Pensamento, que se inspira, expressamente, na obra de Herrigel,

É preciso, pois, compreender o fenômeno das artes marciais no seu nascedouro moderno, visto que os sistematizadores (Kano, no Judo, Ueschiba no Aikido e Funakoshi<sup>17</sup> no Karate-Dô<sup>18</sup>, somente para citar alguns), todos eram homens devotados ou Zen-budismo, e desenvolveram suas respectivas artes nessa exata perspectiva.

As artes marciais, portanto, não se destinam a ensinar a lutar, pois mesmo historicamente foram concebidas em períodos de paz<sup>19</sup>, mas a um ideal muito mais ambicioso de fazer o homem entender a si mesmo, ainda que animicamente. Lutar, para as artes marciais zenistas, significa um produto acessório, um meio para atingir determinado fim. O budoka<sup>20</sup> há de ser, muito antes de um lutador, um ser humano em estado de plenitude, mas paralelamente jamais poderá descurar da boa técnica, na execução escorreita de movimentos, pois que este é o único instrumento disponível à consecução da verdade última<sup>21</sup>, ou seja, a constatação definitiva do fenômeno que significa o universo, desrido do véu da cultura, percebida no íntimo de forma pura e incontrastável.

---

também produzindo um texto fluído e biográfico. Sobre a técnica de Kyudô há o excelente “*O Segredo de Acertar no Alvo*”, de Jackson S. Morisawa, instrutor na escola Chozen-ji, livro voltado mais para a técnica da arte. Herrigel também escreveu “*O caminho zen*”, leitura igualmente relevante para o entendimento da prática, especialmente porque escrita sob a perspectiva de um filósofo ocidental.

<sup>16</sup> Além do sufixo Dô, o Karate-Dô também tem íntima relação como *Zen* no restante de seu nome, pois nos dois ideogramas que o compõe (Kara=vazio e Te=mão), Kara tem um profundidade bem típica do *Zen*, significando o quinto do cinco reinos (Terra, água, fogo, vento e o vácuo). É justamente com vistas a essa compreensão de mundo que Miamoto Musashi organiza seu “*GORIN NO SHO*”, o livro sobre estratégia, demonstrando mais uma vez o acerto da ótica holística onde há uma relação entre tudo.

<sup>17</sup> Sobre Gichin Funakoshi, seus apontamentos em “*Karate-dô, o meu modo de vida*”, já foram traduzidos para o português, pela ed. Cultrix, onde o nobre Okinawense, professor em Shuri, relata sua experiência com o Karate-Dô, desde os primeiros anos no torrão natal, seus mestres, com ênfase em Azato, Yoshitsune (1827/1906) e Itosu, Yasutsune (1830/1915), até a difusão da arte na ilha central.

<sup>18</sup> Sobre o Karate Shotokan há a obra “*Shotokan Karate, Its History and Evolution*”, de Randall G. Hassel, que traz inúmeras e fundamentais informações sobre a história da arte, desde os seus primórdios em Okinawa, incluindo gráficos e fluxogramas sobre as figuras históricas, katas e outros tantos elementos essenciais ao entendimento desse fenômeno.

<sup>19</sup> Miamoto Musashi, por exemplo, cuida de sistematizar seu pensamento sobre a estratégia no Kenjutsu, ao final de sua vida, quando já na condição de *Ronin* (samurai sem senhor), debruça-se sobre a vida de lutas e duelos. Iniciava-se o chamado período Tokugawa, que imporia ao Japão, à força das armas, um lapso de 250 anos de paz imposta. Em seus apontamentos Musashi faz referência as várias escolas de Kenjutsu que vinham se estabelecendo, justamente para educar os filhos das castas nobres. Funakoshi, por seu turno, lembra que nasceu com a restauração Meiji (1868) e, embora descendente de samurais, não teve que enfrentar a guerra, voltando sua arte fundamentalmente à paz, e ao domínio do homem por si mesmo.

<sup>20</sup> Praticante do *Budô*, ou aquele que trilha o caminho do guerreiro (*Bu*).

<sup>21</sup> Nirvana

Nesse sentido a prática anda junto ao processo de iluminação, visto que o verdadeiro objetivo perseguido somente será atingido se a experiência física for realmente reveladora, e esta somente assim será se a própria prática for verdadeira. Trata-se de fenômenos indissociáveis, na perspectiva holística de que a mente não pode ser separada do corpo<sup>22</sup>, e a prática corporal leva ao aperfeiçoamento da mente, tanto quanto vice-versa, considerando que ambos, na verdade, compõem a mesma entidade que se traduz no ser humano.

São muitíssimo marcantes as características do *Zen* nas artes marciais forjadas por sua influência, notadamente no Karate-Dô. Neste a repartição da prática em *Kihon*, *Kata* e *Kumite* encerra o emblema dessa ascendência, pois se a repetição própria ao *Kihon*, emula a meditação<sup>23</sup> típica ao *Zen*, que é puramente repetitiva, um verdadeiro treinamento. Não menos raízes tem o *Kata*<sup>24</sup>, cujo nome, na etimologia sânscrita (*Kafu*), significa dominar os maus pensamentos, o que se faz através dos rituais que se destinam a automatizar no praticante a disciplina, que nada mais é do que conter os impulsos negativos. Trata-se de uma forma de educação, intuitiva em todas as culturas<sup>25</sup>, praticada à exaustão para polir<sup>26</sup> o espírito no Karate-Dô.

O *Kata*, portanto, responde ao um objetivo maior do que simplesmente uma prática física e estética, como parece ser ao observador menos atento. No ideal imediato de simular ou dramatizar uma luta imaginária, reveste-se de um ritual a ser repetido intermináveis vezes, até que

---

<sup>22</sup> No pensamento Chinês a interação dos pólos dá-se pelas figuras do *Yin* e *Yang*, que não chegam a compor propriamente uma dualidade de antípodas, mas de figuras interativas, que compõem o ciclo do universo.

<sup>23</sup> O Profº da USP e mestre de Karate-Dô, Yasuyuki Sasaki, sobre a questão salienta: “... *em investigações recentes[de praticantes de Karate-Dô], registro eletroencefalográficos de ondas cerebrais indicam uma freqüência de aproximadamente 10 ciclos por segundo (10hz)./Tais atividades de onda Alpha são flutuações uniformes de mais comumente observadas em pessoas imediatamente antes de dormirem. Seus padrões regulares contrastam notadamente com a flutuação errática aparente do cérebro, no estado de despertar. Estudos recentes têm mostrado que praticantes de Zen e Yoga também apresentam esta atividade de ondas Alpha, durante período de meditação.*” In Manual de Educação Física, Karate-Dô, vol., Ed. E.P.U., 1974.

<sup>24</sup> O mestre Kenei Mabuni, com especial felicidade, afirmou que “*O Kata é o Zen em movimento*” (conf. Revista Karate Bushido, França, janeiro de 1998).

<sup>25</sup> Os ritos são próprios a todas as culturas conhecidas, pois é da natureza humana estabelecer rotinas e protocolos desde nos eventos mais relevantes, como no casamento, nascimento e morte, até os mais pueris, tal como escovar os dentes todo o dia pela manhã.

<sup>26</sup> Não sem razão o *Kata Meikyô* significa “polindo o espelho” encerando uma metáfora muito expressiva, emblemática, pois ao polir o espelho estando diante do espelho, e o polimento facilita a visão que temos de nós mesmos, ou seja, em última expressão, o aprofundamento do processo de auto-conhecimento.

o praticante, educado pela repetição, possa perceber as mensagens que os sentidos ordinários, senão a intuição, não podem captar.

Considerando que o conhecimento somente se transfere através da cultura e esta pela palavra escrita, e que esta última é insuficiente para conter as mensagens que se desejava transmitir à gerações posteriores, os antigos não tiveram alternativa senão cifrar a mensagem metaverbal através de *Katas*, a serem decifradas por cada praticante no curso da eternidade<sup>27</sup>. Essa decifração significa a iluminação tão própria ao *Zen*.

Enquanto isso o *Kumite*, em todas as suas acepções, responde pela necessidade de averiguar o quão próximo da verdade estamos ao longo da prática<sup>28</sup>, pois a verdade interna somente será alcançada se correlativamente a verdade externa também o for. Significa dizer que se a arte é o caminho em busca da verdade última, somente a prática verdadeira poderá atingir tal fim, que passa pelo habilidoso uso de técnicas realmente eficientes, embora sua utilização deva ser metafórica, pois a pureza a ser resgatada coaduna-se com a não-violência, e a não-violência não se atinge pela negação ou sufocamento da violência, pois sabemos que assim ela fica apenas adormecida aguardando o momento de se manifestar, quando normalmente eclode com forma inaudita, enquanto que a verdadeira não-violência exige a interação com a violência, a manipulação da violência, até seu domínio total, transmudando-a em paz, interior e exterior, que também é um estado de transcendência ou iluminação, objeto primitivo das artes marciais em sua acepção zenista.

O fenômeno das artes marciais, entretanto, há muito se desprendeu de sua fonte original. Especialmente após a Segunda Grande Guerra, que findou em 1945 com a capitulação dos países do eixo, entre eles o Japão, desceu o véu que separava oriente e ocidente, passando a ocorrer uma integração jamais antes vista na história da humanidade. De um lado os orientais, em especial o Japão contemplado por grandes massas de recursos americanos alocados pelo “Plano Marshall”<sup>29</sup>, apressaram-se em absorver valores ocidentais, notadamente a tecnologia, enquanto que os ocidentais, gradualmente, deixavam-se seduzir pelas práticas do oriente, entre elas as artes marciais, que ganharam grande notoriedade e hoje milhares de adeptos.

---

<sup>27</sup> Em sua maioria os *Katas* tem nomes sugestivos que encerram uma mensagem de profundidade indelével. *Bassai-Dai*, por exemplo, que significa penetrando a fortaleza, bem pode ser uma forte metáfora do nascimento em uma analogia guerreira.

<sup>28</sup> Por isso a *Shiai-Kumite* significa fundamentalmente um teste, ou seja, a competição do praticante não é com seu oponente, mas consigo próprio, procurando divisar o quanto de verdade (eficiência) há em sua prática.

<sup>29</sup> Programa de auxílio econômico adotado pelos E.U.A., após a 2ª Guerra Mundial, com o objetivo de promover a recuperação dos países envolvidos na guerra.

Mas as artes marciais em sua transferência do oriente para o ocidente não deixaram de sofrer uma forte influência cultural resultando em verdadeira alteração de sua base conceitual. É preciso notar que no oriente as formas de pensamento estão intimamente ligadas ao Hinduísmo, Confucionismo, Budismo e Taoísmo no parte continental e o Zen-Budismo e Xintoísmo no Japão, todos radicados em uma perspectiva holística, integrativa ou complementar, enquanto que o pensamento ocidental, em especial aquele que nos levou à sociedade contemporânea, sofre forte influência dos postulados aristotélicos, mais remotamente, e newtonianos e catersianos mais proximamente<sup>30</sup>.

O viés de pensamento ocidental, influenciado pela física de Isaac Newton<sup>31</sup> e pela filosofia René Descartes<sup>32</sup> e Aristóteles<sup>33</sup> tende a converter o entendimento da realidade a um modelo mecanicista e reducionista, isto é, tentar entender tudo como seu fosse uma máquina (física newtoniana) separando as partes do todo (visão catersiana), ignorando a natural integração que tudo tem com as leis do universo, em sua grande parte incomprensíveis pelo intelecto.

As artes marciais que, trazidas do oriente vicejaram no nosso meio, não conseguiram escapar desse molde ocidental, transformaram-se em esportes – já por aí especializando-se e perdendo sua perspectiva holística –, convertendo-se em modalidades competitivas onde a busca do troféu passou ser o objetivo maior (ou menor) a ser perseguido.

Trata-se de uma armadilha própria ao *Zen*, um verdadeiro *koan*<sup>34</sup> pelo absurdo que encerra, pois se o ideal de transcendência, presente a

---

<sup>30</sup> Sobre esse tema é indispensável a leitura dos livros de Fritjof Capra, autor de “*O Ponto de Mutação*” e de “*O Tao da Física*”, onde demonstram a grande influência que temos da visão newtoniana (relativa ao físico inglês Isaac Newton) e cartesiana (relativa ao filósofo francês René Descartes), a primeira de viés mecanicista, que procura, em sua visão de mundo, entender tudo como o funcionamento de uma máquina, e a Segunda, reducionista, que busca reduzir o todo aos seus elementos básicos, o que se contrapõe a uma perspectiva holística, característica do antigo pensamento oriental, onde o tudo se relaciona com tudo. Capra demonstra que os postulados newtonianos sobre física foram e são muito úteis para entender os fenômenos quotidianos, mas impróprios e insuficientes para o entendimento de fenômenos físicos em grau subatômico, e na magnitude cósmica. Sobre a evolução das ciências ocidentais e sua relação com a filosofia, obra grandemente informativa é a do brasileiro Marcelo Gleiser, intitulada a “*Dança do Universo dos mitos da criação ao Big-Bang*”, Companhia das Letras, 1997.

<sup>31</sup> Físico inglês que viveu entre 1642 e 1727

<sup>32</sup> Filósofo e matemático francês que viveu entre 1.596 e 1650.

<sup>33</sup> Filósofo grego que viveu entre 384 e 322 A.C..

<sup>34</sup> Instrumento mental desenvolvido pelos mestres *Zen* para treinar os praticantes, que consiste em uma pergunta que não pode ser respondida através do uso da razão. Por exemplo: “*Bata palmas com as duas mãos. Como será o ruído das palmas de uma mão só?*”

evanescência<sup>35</sup> que caracteriza a vida nesse mundo, recomenda a relativização dos valores e mesmo a produção o desapego, as artes marciais passaram a ser um instrumento do apego, circunscritas ao ideal esportivo onde a vitória externa é o quanto importa, não sendo relevante o quanto derrotados poderemos estar no interior.

Revestidas de roupagem ocidental em sua base conceitual, embora apresentem-se sempre com trajes orientais, as artes marciais no ocidente perderam essência e hoje, após longo apogeu, perdem também adeptos, especialmente entre aqueles que buscam algo além dos sentidos ordinários, um contingente cada vez maior de pessoas, perdidas entre o esoterismo, os produtos de auto-ajuda e mesmo atraídas pelo charlatanismo puro.

Eis o desafio presente dos professores de artes marciais, em especial aos instrutores de Karate-Dô a quem dirijo estas palavras. A sobrevivência da prática para o futuro e mesmo sua maior popularização depende crucialmente de uma mudança conceitual profunda na forma em que a arte é ensinada, com a retomada dos valores perdidos, e mais até, a pesquisa dos confins do ser humano ainda não explorados, resgatando o Karate-Dô da sua hoje marginal condição de apenas uma modalidade de luta, devolvendo-lhe o sentido original, holístico, de integração entre mente e corpo, de poderoso instrumento de prospecção das verdades humanas, capaz de dar resposta à eterna pergunta da filosofia em todos os tempos: quem somos?

## **BIBLIOGRAFIA**

CAPRA, Fritjof, “*O Ponto de Mutação*”, Ed. Cultrix.

CAPRA, Fritjof, “*O Tao da Física*”, Ed. Cultrix.

CHUNG , Tsai Chih, “*O Tao em quadrinhos*”, Ediouro

CHUNG, Tsai Chih, “*Zen em quadrinhos*”, Ediouro.

---

<sup>35</sup> Sem tentar explicar o *Zen*, o que entendo impossível, imagino que um de seus fundamentos esteja no que a psicanálise chamou de “pulsão da morte”. Somos os únicos seres que sabem da própria morte, que conhecem a finitude da vida, e que se depara diante do absurdo de nascer para morrer, único evento realmente certo da vida. A morte, por assim dizer, comanda a vida, pois nossa concepção de vida está indissociavelmente vinculada à morte, e em tudo que fazemos há eco do momento derradeiro, desde o ato mais comezinho até a mais profunda especulação filosófica. Há uma lei universal ininteligível atrás de tudo isso, e essa é a matéria prima do *Zen*, buscar a iluminação (algo semelhante com o *insight* na psicanálise): o momento em que passamos a entender como as coisas do mundo se comportam, em que pese não possamos explicar.

CLEARY, Thomas, “A Arte japonesa de criar estratégias”, ed. Cultrix.

FUNAKOSHI, Gichin, “Karate-dô, o meu modo de vida”, ed. Cultrix.

GLEISER, Marcelo, “Dança do Universo dos mitos da criação ao Big-Bang”, Companhia das Letras, 1997.

HASSEL, Randall G. “Shotokan Karate, Its History and Evolution”, edição independente.

HERRIGEL, Eugen, “A arte cavalheiresca do arqueiro zen”, ed. Pensamento, introdução de D. T. Suzuki.

HERRIGEL. Eugen, “O caminho zen”, ed. Pensamento.

KAMMER, Reinhard, “O Zen na arte de conduzir a espada”, ed. Pensamento, 1987.

KUSHNER, Kenneth, “O Arqueiro Zen e a Arte de Viver”, ed. Pensamento.

MAMMITZSCH, Horst, “Zen na Arte da Cerimônia do Chá”, ed. Pensamento, 1987.

MORISAWA, Jackson S. “O Segredo de Acertar no Alvo”, ed. Pensamento.

MUSASHI, Miyamoto, “Gorin no sho” (O Livro dos cinco elementos), tradução de José Yamashiro, Cultura.

NAKAYAMA, “Dynamic Karate”, ed. Kodansha, 1983.

NISHIYAMA, “Karate, The art of ‘empty hand’ fighyting”, ed. Tutle, 1984. Revista Karate Bushido, França, janeiro de 1998.

SASAKI, Yasuyuki, In Manual de Educação Física, Karate-Dô, vol., Ed. E.P.U., 1974.

SEVERINO, Roque, “Espírito das Artes Marciais”, Imago, 1988.

SUZIKI, Daisetz Teitaro, “Introdução ao Zen-budismo”, Ed. Pensamento, com introdução do psicanalista Carl Gustav Jung

UESHIBA, Kisshômaru, “O espírito do Aikidô”, ed. Cultrix.

WATTS, Alan, “*O espírito Zen*”. Ed. Cultrix.

WATTS, Alan, “*O Zen e a experiência mística*”, ed. Cultrix

YAMACHIRO, José “*Choque Luso no Japão dos Séculos XVI e XVII*”, Ibrasa, 1989.

YAMASHIRO, José “*História da Cultura Japonesa*”, Ibrasa, 1985.

YAMASHIRO, José “*História dos Samurais*”, Kempf/Editores, 1982.